

## UMA REFLEXÃO SOBRE A COMUNICAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM O TRANSTORNO DO ESPECTRO DO AUTISMO (TEA) COM SUA MÃE

Antonio Anderson Brito do Nascimento (1); Erica Leticia de Almeida Silva (1); Maria José de Melo Fernandes (3); Orientadora Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Francisca Maria Gomes Cabral Soares (4).

*Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: [andersonb.nascimento@gmail.com](mailto:andersonb.nascimento@gmail.com); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: [erikalet92@gmail.com](mailto:erikalet92@gmail.com); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: [maria.fernandes11@hotmail.com](mailto:maria.fernandes11@hotmail.com); Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, email: [fcacabral@yahoo.com.br](mailto:fcacabral@yahoo.com.br).*

### **Introdução**

Os bebês desenvolvem comunicações antes mesmo de falar, por meio das suas emoções, através de expressões faciais, apontando o dedo em direção a algo e etc. Dessa forma, é perceptível o quanto a comunicação ajuda no processo do desenvolvimento da criança. A manifestação comportamental, anteriormente descrita, poderá não acontecer com as crianças com autismo, elas tendem a demonstrar comprometimentos na expressão de afeto, fala e expressão facial. Boa parte dessas crianças não desenvolve a fala, e aquelas que falam poderão apresentar limitações, utilizando uma fala não funcional e emitindo ecolalias.

Em consequência a leituras realizadas na disciplina Educação Especial e Inclusão, componente curricular do oitavo período do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), foi elaborado esse trabalho acadêmico de caráter qualitativo que objetiva refletir sobre os modos de comunicação de uma criança com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) por intermédio dos relatos de sua mãe.

Para os familiares e profissionais que acompanham as crianças com o TEA é muito importante que aprendam sobre estratégias que poderão estimular o desenvolvimento das habilidades sociais, acadêmicas e de comunicação. Assim compreendido, selecionar recursos que estimulem as referidas habilidades. Nesse propósito, favorecer o processo de aprendizado escolar bom relacionamento com a família, a fim de contribuir para uma melhor qualidade de vida e assumir o papel de cidadão que sensível, favorece a todos os educandos direito de aprender.

### **Metodologia**

No encaminhamento de estudo da referida disciplina realizamos uma entrevista semiestruturada com a mãe de uma criança com o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), aluno

da rede regular de ensino, em sala de aula comum, no município de Mossoró/RN. No que se refere ao embasamento teórico, utilizamos um documento oficial que expõe as características de pessoas com o TEA, Brasil (2003), servindo como orientador para entendimento do processo de inclusão. Foi também consultado o DSM V (2013) que referencia internacionalmente os transtornos do neurodesenvolvimento, além de Silva (2012) que reforça nosso entendimento ao explicar o que é o autismo, e o olhar que devemos ter sobre esse transtorno.

## **Resultados e discussões**

O desenvolvimento da comunicação comprometido, prejuízos na interação social, manifestação de comportamentos repetitivos, apresentação de estereotípias motoras e vocais, caracterizam o Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), sendo considerado um transtorno do neurodesenvolvimento com sinais que podem se manifestar antes dos três primeiros anos de idade (APA, 2013).

Diante da definição dos comprometimentos que possuem pessoas com o TEA, buscar modos de entender como trabalhar com alunos nessa condição é necessário. Daí, ao estudarmos a literatura que trata do assunto, o passo seguinte foi elaborar as questões que permearam a entrevista. Nesse encaminhamento, destacamos duas perguntas para aprofundamento, considerando serem as questões mais evidentes no comportamento da criança participante do estudo. A primeira pergunta foi relacionada com a percepção da mãe ao observar a referida criança nos primeiros três anos de vida. Num esboço a mãe declarou:

Quando meu filho (C.A.<sup>1</sup>) estava para completar 2 anos e não demonstrava desenvolvimento social e de linguagem como previsto para idade dele, então começou minha desconfiança. Procurei ajuda profissional e após 1 ano de acompanhamento foi confirmado. (ROSA<sup>2</sup>)

Com relação a esse comportamento inicial em crianças que estão o espectro, Silva (2012) relata:

Algumas crianças com autismo podem ter um excelente desenvolvimento da linguagem falada e, por vezes, emitem palavras "perfeitinhas". Em outros casos, os pais percebem que, com um ano de idade, sobrinhos ou coleguinhas já articulam as primeiras palavras, mas seus filhos ainda não. As preocupações crescem (e muito) a partir dos 2 anos, fase em que

---

<sup>1</sup> Criança Autista.

<sup>2</sup> Para preservar a identidade da nossa entrevistada usamos de um nome fictício.

outras crianças já conseguem formar frases completas, enquanto seus "pequenos" nem parecem ouvir quando são chamados. (p.17).

Ao confrontarmos a informação da mão com dados da literatura é perceptível que as crianças com esse tipo de transtorno, já demonstrem suas peculiaridades desde os primeiros anos. Pois, o seu desenvolvimento social e linguístico, apresenta características que são perceptíveis no decorrer do convívio familiar.

As crianças que estão no TEA possuem algumas características que se observadas chamam a atenção (BRASIL, 2003) das pessoas com as quais convivem, por exemplo, elas vão apresentar comportamentos repetitivos, uma carência no desenvolver da fala, interesses excessivos por determinadas coisas, raramente vão olhar nos seus olhos, podem ser hiperativas ou extremamente passivas, dentre outras. No entanto, ressaltamos que como qualquer criança há singularidades e os sinais precoces divergir de uma criança para outra.

Algumas pessoas com o TEA vão apresentar sinais de agressividade, outros não, isso vai depender do grau do autismo, pois varia de intensidade em cada criança. Sobre isso, no nível 1 considera-se que a pessoa precisa de algum suporte, no 2 grande suporte e no 3 máximo suporte (SOARES, 2016). No caso do filho da nossa entrevistada, ele apresenta baixo grau e não faz uso de medicamentos, dorme bem, mas, não se alimenta como deveria. Ainda acrescentou que ele é muito seletivo com os alimentos e que já está trabalhando com relação a isso.

Faz-se notória a importância da percepção das dificuldades de crianças com o TEA, como também, o acompanhamento com profissionais como fonoaudiólogos, pediatras, psicólogos e se este estiver na fase escolar, pedagogos e psicopedagogos. Também faz necessário que esses profissionais se comuniquem entre si para obter um bom êxito no desenvolvimento da criança.

Com relação a esse acompanhamento, Rosa declara que seu filho desde os dois anos é acompanhado por equipe multidisciplinar e que esses profissionais buscam contato com a escola, trocando relatórios e repassando dicas de estimulação para a criança. É evidente a importância desse acompanhamento para a criança com TEA e o diálogo com a escola, pois é o espaço por excelência onde se estabelecem as relações sociais e de aprendizado acadêmico.

Quanto ao impacto que a mãe teve ao ter o diagnóstico do TEA confirmado e questionada se encontrou alguma dificuldade, e qual seria. Ela relatou que:

Sempre há um impacto [...] Uma mãe nunca está preparada pra uma situação dessas. Desde a gestação, idealizamos nossos filhos, sonhamos com momentos [...] em fim, acho q o

maior impacto foi não ouvi-lo falar. Ainda Sonho com um "Mamãe". A maior dificuldade era essa mesmo no início, a comunicação, pois nem sempre compreendia o que ele queria no momento, e isso o estressava, mas com o tempo consegui entender que não existe só a comunicação verbal, hoje compreendo até o olhar dele. (ROSA).

Percebemos na fala da nossa entrevistada, que ao receber o diagnóstico que seu filho está na condição de criança com autismo, foi bastante impactante, até mesmo pelo fato de que durante a gestação a mãe já traz consigo anseio dos primeiros balbucios de seu filho. Como muitas outras mães, Rosa disse que espera que um dia o seu filho a chame “mãe”, como também, que se desenvolva como as demais crianças, crescendo de forma saudável com uma vida considerada como “normal”.

Por isso, conjecturamos a importância do afeto no âmbito familiar, tanto para com a progenitora, quanto para a criança, fazendo com que ambas possam acreditar no potencial que possuem. É possível viver “normal” quando as limitações encontradas são enfrentadas e as barreiras rompidas. Por fim, com ajuda pedagógica, dos fonoaudiólogos, psicólogos, como também dos familiares, é esperado que crianças com o TEA possam desempenhar suas atividades normalmente, mesmo que seja sem a comunicação verbal, gozando assim, das alegrias como todas as outras crianças.

## **Conclusões**

Os estudos em busca de refletir e compreender o que acontece no processo de comunicação da criança com TEA, proporcionou-nos conhecer as particularidades desse transtorno, bem como compreender de fato como se dá aprendizagem desses e as implicações decorrentes no processo de desenvolvimento.

A participante na qual essa pesquisa (Rosa) se efetuou, foi de suma importância na construção do trabalho, pois nos fez perceber por intermédio de sua fala que o convívio com a criança, trouxe um olhar do quão importante é a linguagem verbal e a falta que em alguns momentos faz, mas que poderia ser substituída e/ou ampliada por meio de outros recursos que ela pode adquirir através do convívio com o seu filho.



## Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA): DSM-V-TR. Associação Americana de Psiquiatria. **DSM-V-TR- Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. 2013.

BRASIL. **Saberes e práticas da inclusão: dificuldades acentuadas de aprendizagem autismo** - 2. ed. rev. - Brasília : MEC,SEESP. 2003. p.64. (Educação infantil; 3).

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo Singular: Entenda o Autismo** – 1. Ed. Fontanar. 2012.

SOARES, Francisca Maria Gomes Cabral. **Efeitos de um programa colaborativo nas práticas pedagógicas de professoras de alunos com autismo**. 2016. 218 f. Tese de doutorado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro/UERJ.